

## UM MINISTRO

No meio de tanta confusão e tantas palavras apaixonadas e vãs, o discurso de despedida do ministro Seabra Fagundes é uma nota quase escandalosa. Escandalosa porque associa algumas qualidades que já andam vasqueiras sózinhas e, juntas, são cada dia mais raras: bom senso, desinterêsse e dignidade. Quando se escrever o balanço deste governo terá de ser lançado no ativo este fato: ele revelou ao Brasil uma figura como o sr. Seabra Fagundes. Essa revelação nos dá a impressão consoladora de que o Brasil não é aquele deserto de homens e idéias da frase celebre; temos gente muito boa; o que acontece é que essa gente está quieta, no seu canto, pensando e trabalhando.

Quando se inventou o mito do professor Jubileu — o grande homem que não existe e que seria a salvação do Brasil — havia nessa brincadeira uma desesperada esperança. Mas não precisamos do professor Jubileu; uma equipe de Seabras Fagundes colocaria este país nos eixos. Unir o sentimento jurídico a uma visão humana das coisas e senso objetivo é o que ele fez. Por isso a sua voz soou tão alto sobre a algazarra dos oportunistas e dos aventureiros de boa ou de má fé. Ele ditou, na verdade, uma grande lição, que deve ser refletida a fundo pelos jovens açodados e pelos patriotas impacientes, imbuídos, ainda que paisanos ou oficiais superiores, daquele tenentismo que foi, na realidade, um dos movimentos mais simpáticos e mais errados de nossa história. Mesmo dentro da magistratura há muitos senhores que deveriam meditar nesse exemplo de dignidade e de autêntica austeridade; porque temos até "tenentes" togados, perfeitamente piroquetas, como convém a um "tenente".

O último ato do ministro Fagundes antes de deixar a pasta, foi também uma verdadeira lição; a que ele deu, com autoridade e delicadeza ao atual chefe de Polícia que é, entretanto, dos melhores que já tivemos em nossa história republicana, e um dos homens que está criando prestígio mais rápida e justamente nesta cidade.

Não discuto as razões que levaram o presidente Café a dispensar os serviços desse ministro que era, de todos, o mais autenticamente seu; mas é uma pena que o tenha feito.

Quero apenas fazer um ligeiro reparo à observação do sr. Seabra Fagundes de que o ministro do Trabalho, e não o da Justiça, é que pode ter influência decisiva na política. Na verdade o ministro do Trabalho, seja quem fôr, tem de repartir essa influência com outra autoridade igualmente poderosa em outro setor: o presidente do Banco do Brasil. Esses são, na verdade, os dois grandes eleitores, para o bem ou para o mal deste país; nossas eleições se fazem cada vez mais na base da demagogia e do dinheiro.

A demagogia não tem outro remédio que a experiência do povo; mas a influência do dinheiro precisa e pode ser combatida com medidas legais, como as que já existem, e funcionam, em outros países.